
Trocas culturais: a historicidade da noção de "intelectual" no Brasil e o diálogo tenso de Caio Prado Júnior com a história intelectual e a historiografia francesas¹

*Paulo Teixeira Lumatti**

I

Caio Prado Júnior era membro das famílias mais importantes politicamente do Estado de São Paulo: os Silva Prado por parte de seu pai, e os Álvares Penteados por parte de sua mãe. Dona de gigantescas fazendas de café – as maiores na segunda metade do século XIX – e de vários empreendimentos comerciais e urbanos no começo do século XX, a família Silva Prado consolidou, ao longo do período do Império, uma posição de destaque na política brasileira. Muito embora durante a República tenham sido marginalizados do poder central, os Silva Prado preservaram sua influência regional no Estado de São Paulo, tanto em termos econômicos, políticos e – mais importantes para nosso estudo – sociais e culturais.

Caio Prado Júnior alistou-se no Partido Democrático em 1928 e participou da Revo-

lução de 1930, que derrubou a República Velha e colocou Getúlio Vargas, que então prometia uma renovação política democrática, no poder. Sua indignação diante das injustiças sociais parece ter sido o motivo básico da ruptura que ele empreendeu com os valores de sua classe social². É significativo, nesse sentido, que, quando criança, ele desejasse seguir a carreira religiosa³. Assim, aparentemente sua trajetória política se encaixa perfeitamente no esquema sociológico (um tanto abstrato) traçado por Michel Löwy quanto aos processos que levam um indivíduo a tornar-se “anticapitalista”: em especial aqueles específicos dos “intelectuais” – que são, sobretudo, e ao contrário daqueles característicos da pequena burguesia, de natureza ético-cultural⁴. Para este autor, se como categoria social os intelectuais são definidos em relação à “superestrutura ideológica”, é compreensível que sua evolução para o socialismo passe

* Doutorando da Área de História Social da Universidade de São Paulo

por mediações ético-culturais e político-morais. Mary Jo Nye também ressalta os fatores ético-morais em sua sondagem dos motivos pelos quais os cientistas franceses se engajaram na Esquerda nas primeiras décadas do século: a autora apresenta uma combinação de motivos sociais, profissionais, ideológicos e ético-morais⁵, com especial destaque para estes últimos (“Perrin e seus camaradas cientistas, assim como Jaurès e Blum, foram motivados em grande parte pela consciência ética.”⁶). Contudo, qual sentido se deve atribuir à palavra “intelectual” no Brasil⁷? Antes de se tornar comunista, Caio Prado Júnior era um “intelectual”?

Segundo alguns poucos indícios, ele estava em processo de se tornar um “intelectual” de acordo com uma das definições brasileiras do termo – a de “intelectual tradicional”: aquele que, tendo uma formação em Direito, procura “dominar” – e o faz de forma diletante – vários campos do saber; escreve romances ou ensaios sobre assuntos gerais; tem atividades paralelas como o jornalismo e a advocacia, ou empregos públicos, e dispõe de uma rede de contatos sociais e familiares que permitem um ingresso relativamente fácil na “vida pública” ou na política⁸. É interessante ressaltar que, na reedição que fez de **Retrato do Brasil**, de Paulo Prado, em 1944, Caio Prado tenha incluído uma carta de seu tio avô a seu tio Paulo Caio, escrita justamente em 1º de janeiro de 1929: “E creio que (...) estou também à frente dos que preconizam a Acção, e da única maneira possível neste momento: agitando e discutindo.”⁹ Lembre-se também a trajetória de Monteiro Lobato – de fazendeiro a estudante

de Direito, ativista cultural, escritor e “homem de negócios” – modelo para o autor de **Formação do Brasil contemporâneo**.

Nesse sentido historicamente definido, boa parte dos “intelectuais” é, como Caio Prado Júnior, descendente de grandes famílias oligárquicas, em decadência ou não. Num país como o Brasil, uma sólida formação cultural na tradição ocidental e recursos para estudar na Europa foram portas a que muito poucos tiveram acesso. O momento tardio em que se criaram as universidades no País acentuou esse caráter elitista do acesso aos meios viabilizadores da produção intelectual, conferindo mais importância ao meio familiar e à formação num país estrangeiro. Por outro lado, as redes de relações pessoais e de cooptação não cessavam de atenuar os efeitos das clivagens políticas¹⁰.

É certo que, ao longo da história, houve fissuras nesse modelo, mas as trajetórias de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, que alcançaram sua maturidade intelectual nas décadas de 30 e 40 – momento em que se estabeleceriam as bases para uma ruptura com o mesmo –, ainda se ajustam a ele. Contudo, esses mesmos intelectuais são os responsáveis por uma mudança no horizonte de questões e de reflexões sobre o Brasil. Com Sérgio Buarque de Holanda, a própria herança intelectual bacharelesca – parte de nossa “herança rural” –, que enfatizava o saber ornamental e o apego a esquemas fixos de pensamento, passou a ser entendida em suas mediações sociais e culturais, e a tradição política autoritária, duramente criticada¹¹.

Em seu percurso intelectual, esses escritores se defrontaram com uma sociedade extremamente injusta e desigual; e foi no curso da busca para a compreensão e, no caso de Sérgio Buarque e Caio Prado, para a transformação dessa situação, que eles entraram em diálogo com a produção científica acadêmica internacional.

No que a Caio Prado Júnior se refere, esse diálogo foi precedido por um encontro com o marxismo. Alguns detalhes desse encontro¹² corroboram a tese, acima sintetizada, de Florestan Fernandes: Caio Prado Júnior ouviu falar pela primeira vez de Marx quando, ao conversar com um garçom espanhol em São Paulo – uma cidade industrial cujas classes operárias eram compostas de imigrantes estrangeiros, mormente italianos –, foi instado a lê-lo, já que, segundo seu interlocutor, ambos teriam “idéias parecidas”. O jovem seguiu o conselho; encomendou os livros de Marx, os quais vieram, em tradução francesa, de Paris.

Assim, a ruptura com a visão de mundo de sua classe social precede o contato de Caio Prado com Marx, e chega mesmo a condicioná-lo. Além disso, o fato da encomenda de livros junto a Paris é emblemático do tipo de relação que mediava o acesso desse escritor aos que eram considerados os “mananciais” do pensamento e mesmo às fontes do trabalho intelectual: se ele jamais dependeu exclusivamente do ambiente cultural e das possibilidades do meio brasileiro – o qual, embora dominado pela tradição ocidental, encontrava-se sempre “defasado” –, é a tradição de relações culturais de seu meio social com a França que de certa forma esta visão de mundo delimita. A persistên-

cia de um modelo tradicional de ciência orientará sua trajetória, repleta de descobertas e percalços, no ambiente universitário.

É dentro de uma estrutura familiar voltada para o fomento da individualidade e da iniciativa, e, associado a este elemento, um elemento desagregador consistente na rebeldia das gerações mais novas, vale dizer, é dentro de tal estrutura que podemos compreender o engajamento no comunismo por parte de Caio Prado Júnior¹³. A relação de Caio Prado com sua herança familiar é bastante complexa, mas é preciso enfatizar que nenhuma das formas de “rebeldia” dos membros da família Prado representou uma ruptura tão profunda como a experimentada por esse autor, cujos testemunhos mais eloqüentes são os livros **Evolução política do Brasil** (1932) e **URSS, um novo mundo** (1933). Em **Evolução política do Brasil**, Caio Prado Júnior revela-se um marxista criativo, porém bastante esquemático. Entretanto, o livro, escrito quando o autor tinha apenas 25 anos, tornou-se um clássico da literatura brasileira. Como notou Florestan Fernandes, em seu estilo apaixonado e vibrante e em seu desafio de escrever uma história que não fosse “a eterna glorificação das classes dominantes”, percebem-se os passos de seu percurso pessoal. Digase, aliás, que Florestan Fernandes é apresentado por boa parte da bibliografia sobre vida intelectual no Brasil (e também por D. Pécaut) como o símbolo das novas classes sociais que entraram na vida universitária de São Paulo, rompendo com o elitismo que a engendrara. Fernandes comenta em seu artigo que, para ele, tendo vindo das classes operárias, o engajamento no socialismo era “natural”; já

para Caio Prado, continua o sociólogo, implicou uma ruptura profunda com toda uma estrutura psíquica.

II

Do ponto de vista estritamente intelectual, mais interessante é a trajetória de Caio Prado Júnior depois da publicação de **Evolução Política do Brasil**. É uma de suas características mais marcantes é o diálogo estreito e bastante singular que ele estabelece com o marxismo a partir da tradição intelectual europeia, e em especial a francesa – diálogo até hoje totalmente ignorado, seja na França, seja no Brasil.

Como vimos, socialmente Caio Prado Júnior situava-se no topo mais alto da escala social brasileira. Estamos falando, portanto, da elite social e cultural do País em seu pólo mais extremo. Desse ponto de vista, que relação foi desenvolvida com a cultura europeia? Esse universo intelectual e cultural podia ser “independente”? Se podia, em que sentido?

Embora enraizadas na sociedade, na política e na exploração econômica das diferentes regiões do país, em graus muito diversos, as elites brasileiras eram, num certo sentido, menos dependentes de seu espaço cultural de origem. Cultivavam, a partir de suas necessidades internas ditadas em parte por sua tentativa, originada no século XIX, de seguir modelos de estado e nação europeus, inúmeras referências externas, e desenvolviam uma interface extremamente permeável em relação à cultura dos países europeus. Por outro lado, é óbvio que exatamen-

te por terem como modelo outras civilizações, são essas elites o grupo social mais dependente do exterior. Estamos, assim, diante de um quadro em que a “dependência” e a “independência”, em diversos planos, se interpenetram e condicionam mutuamente. As interações assumiriam formas e matizes diferentes em cada indivíduo, em cada momento específico.

Os demais grupos sociais não tendo, de forma tão acentuada, ou simplesmente de forma alguma, contato com esse modelo europeu – a não ser por intermédio dessas mesmas elites e dos focos de disseminação ideológica que controlam, muito pouco eficazes no sentido cultural –, tendiam a ter visões de mundo menos dependentes, e também menos distanciadas, sobre seu cotidiano e as situações em que viviam; sua dinâmica cultural era diversa daquela das elites. Assim, o abismo entre os diferentes segmentos da população é um fato estrutural na vida intelectual brasileira, e, ainda hoje, a elaboração de pontes para a apreensão da experiência e dos pontos de vista dos grupos marginalizados pelo poder constitui um desafio para os historiadores, cientistas sociais e antropólogos¹⁴.

Falando de uma perspectiva europeia, C. Charle, ao desenvolver o modelo de Bourdieu, afirma que os intelectuais são indivíduos e grupos caracteristicamente menos enraizados que a média num espaço cultural ou lingüístico nacional e capazes de agir e reagir em função de um horizonte histórico, senão europeu, pelo menos multinacional¹⁵. No Brasil, esse desenraizamento, além de estruturado por desigualdades sociais e etno-culturais, é indelevelmente marcado pelas

relações desiguais entre os diferentes países. Enredadas nessas contradições, as imagens folclóricas e estereotipadas que os artistas e escritores modernistas produziram das populações do País estavam necessariamente marcadas por um tipo de reação submetido ao eurocentrismo – ainda que exaltadas nos quadros de um nacionalismo que, ao libertar a linguagem escrita dos padrões de erudição portugueses recorrendo à linguagem viva falada no País, rompeu com certos traços da herança colonial.

Os diferentes escritores, jornalistas, artistas, etc. reagirão de forma diferenciada a esse fato fundamental, e não menos pelo tipo de contato cultural e ideológico que procurarão ativamente, de um lado, e a que estarão submetidos, de outro, da e na Europa, do que pela evolução dos conflitos sociais e políticos no próprio Brasil. Dentro desse contexto, a fundação da USP teve resultados extremamente contraditórios: os professores franceses que foram contratados, pelo fato de sua juventude e posicionamentos políticos de esquerda, fugiram, em parte, do modelo clássico de agentes transmissores de uma ideologia colonialista, tendo colaborado para o surgimento de perspectivas até certo ponto críticas para o conhecimento do Brasil¹⁶. As ambigüidades do exercício da autoridade, da ineficácia das representações da “Nação” e da distorção de imagens e estereótipos, definidas na relação colonial, abriam potencialidades críticas inscritas no espaço simbólico do trânsito entre culturas¹⁷.

Foi como jovem de aguda sensibilidade que Caio Prado Júnior vivenciou as contradições e ambigüidades do universo das elites

brasileiras nas primeiras décadas do século, e no grau mais extremo possível.

Além das relações familiares, das constantes viagens ao exterior, da rica biblioteca de que pôde desfrutar, ele teve uma infância vigiada por uma governanta alemã, passou o ano de 1920 estudando na Inglaterra e, quando adolescente, escrevia poemas em francês. Desde o momento em que nasceu, em 1907, contou com uma tradição de vínculos com a França. Além dos laços culturais, havia já constituída toda uma rede de relações pessoais, que se mesclava às relações com indivíduos de outras famílias, a maioria de parentesco mais ou menos distante. Indivíduos esses que por sua vez também tinham contatos na Europa e haviam lá estudado.

Quando os primeiros professores da recém-fundada Universidade de São Paulo chegaram ao Brasil, os Silva Prado foram uma das famílias que cuidaram de recepcioná-los, mantendo-se em contato íntimo com eles. Segundo depoimento de Y. Prado, filha de Caio Prado Júnior, no primeiro ano de estada de Claude Levi-Strauss na USP, pediu-se às famílias paulistanas tradicionais ou ricas que solicitassem os serviços do pai do jovem professor, que era retratista, para ajudá-lo financeiramente. Foi assim que os filhos de Caio Prado Júnior tiveram seus retratos feitos por Levi-Strauss, o pai.

Em seu exílio em Paris, entre 1937 e 1939, Caio Prado fez com seus filhos algumas viagens pela França e pela Suíça – onde os ensinou a esquiar. Sua filha rememora: “E tinha muitos brasileiros lá, enfim, relações de família, sociais deles daqui que estavam na Suíça”.

Também em Paris havia relações de família, como veremos: dentre elas, Júlio de Mesquita Filho e o ex-Presidente Washington Luís.

Desnecessário acrescentar que, na Europa, os membros das famílias de elite brasileiras adquiriam hábitos e importavam modas. Para os bisavós e avós de Caio Prado, a ida à Europa havia sido extremamente importante: na trajetória de sua avó D. Veridiana, por exemplo, foi fundamental sua ida a Paris para a sua ruptura com padrões culturais patriarcais (embora estes não fossem tão rígidos como parece crer Darrell Levi); longas estadas, como a de Eduardo Prado, que chegou a recusar-se a voltar ao Brasil para assumir parte dos negócios familiares, eram comuns.

Para nós, basta acrescentar que esta situação é parte constitutiva da formação cultural de Caio Prado Júnior. Está na estrutura de sua personalidade. Não é de se duvidar nem mesmo que Caio Prado, viajando numa excursão em meados da década de 20 para países da África do Norte e do Oriente Médio, tenha visto essas terras pelas lentes coloniais do bárbaro, do primitivo, do misterioso, do estranho: a recusa dos valores do ocidente¹⁸.

Junto ao trânsito pela cultura européia vinham valores e cargas simbólicas com os quais, ao longo da vida, ele entrou em relações complexas, ambíguas, marcadas por feixes de estruturas e contingência e formas carregadas de potencialidades inovadoras... e muitas vezes, nos momentos mais criativos, conflituosas. O que nos interessa salientar neste momento, contudo, é que, nesse nível de trânsito com a cultura européia em que se achava Caio Prado Júnior, a “competência”

lingüística para o diálogo com a comunidade científica internacional da época, em termos tanto intelectuais e emocionais como de criatividade, poderia desenvolver-se até atingir um grau máximo – já permeada, também, por um olhar irônico, ao mesmo tempo externo e interno. Talvez ligado a esse fato esteja o próprio interesse pela psicologia cognitiva de Jean Piaget.

Portanto, não estamos nos referindo apenas a uma “formação cultural geral”, ao senso comum de uma “bagagem de conhecimentos” humanista, no sentido a que recorria Paul Langevin em conferência no Museu Pedagógico de Paris em 1931¹⁹. E é dentro desse viés específico, de quem não é mera vítima de um colonialismo cultural, mas tem a capacidade e os meios para entender e elaborar intelectualmente, dentro de certos limites históricos e sociais e ambivalências, as situações contraditórias que vive, que podemos compreender a posição de Caio Prado Júnior em relação à história do pensamento ocidental e, em particular, da historiografia marxista no século XX.

Ao longo de sua trajetória, Caio Prado buscou apreender as especificidades da formação histórica do Brasil; rompeu, nesse caminho, com vários modelos de desenvolvimento histórico por etapas e analogias. Neste ponto, é interessante confrontar o momento em que viajou aos países do Oriente Médio e da África Setentrional, ainda quando adolescente, e sua viagem à União Soviética em 1931, logo depois de sua descoberta do marxismo. Os mecanismos cognitivos que permitem um papel ao choque cultural criativo são debatidos por M. Trebitsch e C. Charle

em trabalhos sobre história comparativa dos intelectuais²⁰, e o papel perturbador das experiências de trânsito e troca entre culturas é desenvolvido por vários pesquisadores críticos da noção de “identidade”²¹, e também pelos colaboradores do livro **Exile and Creativity**, publicado recentemente por Susan R. Suleiman²². No caso de Caio Prado Júnior, o refinamento desses mecanismos foi buscado consciente e sistematicamente, em sua experiência pessoal e em estudos de psicologia, antropologia e filosofia. O vislumbamento da diferença e de um caminho próprio ao Brasil tem a ver com o aprofundamento dessas experiências cognitivas.

Por outro lado, o pensamento marxista demorou a livrar-se de um prisma “eurocêntrico” baseado nas noções de progresso, de conhecimento cumulativo e da superioridade dos padrões culturais e valores ocidentais. Na década de 30, as reflexões teóricas de Caio Prado entraram em diálogo com as dos físicos, biólogos e matemáticos europeus, membros da comunidade científica internacional que, nessa época, vinham se aproximando, de diferentes formas, do marxismo. Segundo P. Petitjean, a afirmação de Bernal de que “a ciência é um empreendimento coletivo, não pertence a nenhum país ou raça” representava provavelmente o pensamento mais comum entre os cientistas dessa época, marxistas ou liberais. Além disso, o sócio-economicismo de Bernal era consubstancial com o eurocentrismo, assim como a organização de sociedades industriais baseadas na ciência aparecia como o modelo para o socialismo quando liberado do

lucro – o que David Caute relaciona a uma matriz de pensamento que remonta a Saint-Simon²³. Dos membros da comunidade científica internacional, só o britânico Joseph Needham, já nos anos 30, parece ter feito uma distinção clara entre a ciência moderna ou universal e a ciência ocidental²⁴. Desnecessário lembrar que, no famoso II Congresso Internacional de História da Ciência, em 1931, a delegação soviética, ao sublinhar os fatores sociais e econômicos que condicionariam o desenvolvimento científico, não deixou de reter o modelo cumulativo de crescimento do conhecimento científico, dando um *status* superior à ciência produzida na Europa²⁵.

Percurso sinuoso, por vezes circular e preconceituoso, este o de um indivíduo deslocado de seu meio. Como membro da “Union Rationaliste”, mas fazendo parte de uma sociedade em que diversas culturas dos povos nativos da América do Sul e especialmente da África tinham papel imenso, Caio Prado Júnior, quando esteve exilado em Paris no final dos anos 30 (nessa época, percebeu a si mesmo, em viagem aos países escandinavos, como mestiço), foi buscar auxílio teórico na Antropologia – tendo encontrado, como alternativa ao ponto de vista de Gilberto Freyre, a obra do filósofo Lucien Levy-Bruhl e sua distinção rígida entre as formas de pensamento “lógico” e “pré-lógico”, fulcro da dicotomia entre a cultura ocidental e a dos povos ditos “primitivos”. Tal obra já havia sido utilizada, no Brasil, por Artur Ramos e Nina Rodrigues, e era currículo de alguns dos cursos da recém-fundada USP...

A isto, contudo, não se resume o modo como Caio Prado Júnior trabalha as media-

ções culturais em sua obra máxima, **Formação do Brasil Contemporâneo**. Haveria que relacioná-lo, em sua interdiscursividade, ao percurso da Geografia Humana via Pierre Deffontaines, e ainda às obras de Morfologia Social da Escola Durkheimiana, como o “Essai sur les variations saisonnières des sociétés Eskimos”, de Marcel Mauss, e a **Morphologie sociale**, de Maurice Halbwachs. O assunto, aliás, não cabe nos limites deste artigo. O que nos interessa neste momento é compreender alguns traços da forma de interação do intelectual brasileiro com a atmosfera intelectual francesa no período de seu exílio em Paris.

Antes de tudo, destaquemos que foi com seus próprios recursos que Caio Prado Júnior sobreviveu durante esse período. Em boa parte de sua correspondência com seus pais, aliás, ele trata de assuntos relativos à remessa de dinheiro. O escritor não tinha nenhum vínculo institucional de apoio financeiro, fosse do Brasil, fosse de uma organização internacional.

O dinheiro que recebia de sua família foi suficiente para que ele participasse intensamente, e sem compromissos formais de qualquer natureza, da vida cultural e acadêmica européia, incluídos os cursos que seguiu na Sorbonne, os livros que pôde comprar, as pesquisas que empreendeu na *Bibliothèque Nationale* de Paris, e suas estadas na Holanda e na Dinamarca – países em que participou de congressos internacionais de geografia e antropologia.

Em segundo lugar, devemos acrescentar que foi como um *insider* que Caio Prado fez seus estudos na Europa. Neste ponto, cabe

lembrar, acima de tudo, os contatos que tivera, e que preservava, com os diversos professores que foram ao Brasil lecionar na Universidade de São Paulo, em especial Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines. Com relação a Monbeig, aliás, ocorreu um fato bastante curioso. Em 1937, o geógrafo planejara levar seus alunos da Universidade de São Paulo à Europa, nas férias do final do ano²⁶ – de certa forma invertendo os papéis de “sujeito” e “objeto” do conhecimento dentro da dinâmica do colonialismo cultural. A viagem, malograda, foi todavia perpetrada por Caio Prado Júnior, que, justamente no final de 1937, chegou a Paris. Certamente, em algum momento de seu exílio, Caio Prado foi recebido por Monbeig. Em 1957, ele escrevia em prefácio a um livro do geógrafo:

“Como amigo de Pierre Monbeig, e amigo de longa data, poderia dar-me por suspeito na apresentação que dele faço – sinto-me, todavia inteiramente à vontade porque não somente o conceito por ele granjeado no consenso geral dispensaria aquela minha apreciação, como porque se me liguei a Pierre Monbeig, foi precisamente atraído pelos seus invulgares dotes de homem da ciência que fazem tão fecunda a convivência com ele.”²⁷

Além disso, fosse em razão de seus laços de família, de sua procura por aliados políticos contra a ditadura recém-implementada de Getúlio Vargas ou de simples amizade, Caio

Prado Júnior teve uma convivência bastante intensa com Júlio de Mesquita Filho em determinados períodos de sua estada em Paris – como o demonstra sua correspondência pessoal. Ora, era Júlio de Mesquita quem negociava com George Dumas e outros acadêmicos europeus a escolha dos professores que iriam trabalhar na Universidade de São Paulo²⁸. Por seu intermédio, não é difícil imaginar que Caio Prado tenha conhecido professores e pesquisadores franceses. Abriram-se, assim, outras portas para a participação ativa dentro da vida acadêmica e científica.

Naturalmente, as relações pessoais e acadêmicas por intermédio das quais Caio Prado teve acesso à vida intelectual europeia tiveram uma influência extremamente positiva no aproveitamento intelectual que ele fez dela.

Uma terceira ordem de fatores nos leva a um aspecto mais político e ideológico: sendo membro do Partido Comunista do Brasil, que tipos de relacionamento se abriam para Caio Prado na Europa dos anos 30?

No Brasil, o desejo de transcender as limitações do meio nos círculos das elites se traduziu, muitas vezes, no engajamento em organizações transnacionais, como no caso da maçonaria (séculos XVIII e XIX) e do positivismo. O marxismo, contudo, não se generalizou da mesma forma... e esperou as mudanças na vida intelectual trazidas pela cultura universitária das décadas de 50 e principalmente 60 para adquirir maior penetração. Características pessoais podem ter colaborado para Caio Prado Júnior ter “fugido” às regras inerentes à vida intelectual das elites da primeira metade do século, e isto certamente

tem a ver com a criatividade com que elaborou seu trabalho intelectual. Contudo, sua relação ambígua com as elites pode estar também na origem das ambivalências de seu silêncio sobre os regimes comunistas totalitários e do dogmatismo de alguns de seus escritos das décadas de 50 e 60.

Aquela questão se relaciona, por outro lado, ao modo de penetração do marxismo no contexto da história intelectual europeia desse período. Por ora, lembremos apenas que, como nota P. Petitjean, naquele contexto específico, novas associações internacionais estavam se desenvolvendo e contribuindo para aproximar diferentes grupos de cientistas britânicos e franceses, bem além das relações estritamente profissionais – sindicatos, congressos internacionais, programas de intercâmbio científico. Nessas associações, as conexões entre cientistas das diferentes áreas eram frequentemente profissionais e políticas (no sentido amplo da palavra), sendo marcadas pela atmosfera favorável aos movimentos e teorias de esquerda. Este tipo específico de trânsito entre diversas esferas teria sido benéfico na medida em que tornou claras as relações entre política e ciência, e criou uma dinâmica criativa que, no caso de Joseph Needham, alcançou a contestação à visão eurocêntrica da ciência²⁹.

Além disso, o engajamento político combatia a tendência de os cientistas serem vistos e verem-se a si próprios como “embaixadores” de seus respectivos países; assim, na polaridade entre diplomacia e pesquisa nas relações internacionais entre cientistas, destacada por C. Charle, a pesquisa, enriquecida pelas discussões políticas, preponderou.

Saliente-se ainda que, no PCF, Caio Prado Júnior foi incumbido de poucas tarefas. A sua participação na guerra da Espanha, usualmente mistificada por alguns autores, cingiu-se a um mínimo: uma vez por mês, tomava o trem de Paris até os Pirineus; perto da fronteira espanhola, passava informações para os militantes que voltavam à Espanha e documentos para os recém-chegados³⁰.

Graças a suas conexões pessoais, à sua total independência e, mais ainda, à sua incomum inteligência, bem como ao fato de partilhar certos valores e padrões culturais e ideológicos com a comunidade científica internacional, Caio Prado Júnior aproveitou ao máximo o período de seu exílio em Paris, e chegou a ocupar-se de assuntos bastante incomuns para um historiador marxista da época: dentre eles, a antropologia e a psicologia social. Teve, na Europa, uma rotina de pesquisador na qual testou os métodos de viagem com pesquisa de campo que aprendera com Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig: escreveu diários de viagem, conversou o máximo possível com professores, intelectuais e gente comum, e estudou temas de uma perspectiva não marxista. Enfim, deu asas à sua curiosidade e criatividade.

A conjugação de todos esses fatores fez com que ele produzisse uma obra que desdobrou o método marxista de uma forma bastante ousada. Como salientou Maria Odila L. da S. Dias, só seria igualada ou superada a partir da década de 50, com os trabalhos dos historiadores marxistas britânicos ou de historiadores franceses como Pierre Vilar e Albert Soboul³¹. Eugene Genovese, por sua vez, comentando as interpretações marxistas

do Sul escravista dos Estados Unidos por historiadores americanos marcados pela experiência dos anos 30, escreveu, em começos da década de 70:

“Even the strongest proponents of Marxism must admit that Marxian historical writing in the United States has been something less than a cause for rejoicing and that it has not approached the level attained by such English Marxists as Christopher Hill, Eric J. Hobsbawm, and E.P. Thompson. Marxian writing on the slave South and the origins of the secession crisis looks especially weak when ranked alongside work done on Brazilian slave society by such Marxists as Caio Prado Júnior, Octávio Ianni, and Fernando Henrique Cardoso.”³²

A potencial tendência irônica e iconoclasta, imbutida no olhar colonial, daqueles que participam e ao mesmo tempo não participam da cultura ocidental; dos que ficam no entrecruzamento entre várias culturas e mesmo várias etnias, e são “menos de um e mais de dois”, na formulação de Homi K. Bhabha, ou “desterrados em sua própria terra”, como já dizia Sérgio Buarque de Holanda, certamente tem a ver com a originalidade de certos enfoques da cultura literária e ensaística brasileira da primeira metade do século.

Há uma outra razão para que a obra de Caio Prado Júnior seja vista, ao mesmo tempo, em conjunto e em separado – mas sem-

pre em sua relação – com a daqueles historiadores franceses e ingleses. É que, para todos eles, a experiência da época do “Front Populaire” foi fundamental para que buscassem romper com formas de pensamento dogmáticas. Em estudo recente sobre o surgimento dos chamados “Cultural Studies” na Grã-Bretanha, Dennis Dworkin enfatiza o impacto da experiência das “Frentes Populares” para o surgimento, dentro dos quadros do Partido Comunista inglês, do “Grupo de Historiadores” do qual participavam E. Hobsbawm, C. Hill., E.P. Thompson e R. Hilton – além de outras figuras menores. Embora o grupo tenha se consolidado apenas depois da II Guerra, e dado seus frutos mais fecundos para a historiografia a partir dos anos 50, a visão relativamente aberta e antidogmática de seus historiadores derivava, em parte, dessa experiência:

“The Marxist historiographical tradition in Britain was rooted in Popular Front politics and the Communist culture of the 1930’s. (...) The nucleus of the group came from the student generation of the thirties (...) The Historians’ Group and the writings of the historians connected with it were products of the political climate. The Group was shaped by both the triumph of the Popular Front Mentality and the distress produced by the Cold War. (...)”³³

Uma outra explicação para o fenômeno dessa nova historiografia marxista era a posição isolada de seus expoentes na vida intelectual

inglesa. Em primeiro lugar, eles tinham consciência de que um público educado receptivo – ou mesmo familiar – à terminologia marxista não existia. Perceberam ainda que os acadêmicos britânicos revelavam-se propensos a desprezar seus trabalhos como “simplificações dogmáticas” e “jargão propagandista.” Neste contexto, e partindo do legado de certa tradição historiográfica socialista e democrática, eles se viram compelidos a aderir aos critérios da profissão histórica e a escrever numa linguagem acessível ao “público geral”. Mais do que isso, acreditavam na objetividade do conhecimento e nos controles empíricos estabelecidos pela profissão³⁴.

Na Inglaterra, fatores culturais, sociais, profissionais e políticos presentes nos anos 30 impulsionaram essa busca para a saída do isolamento, colaborando para liberar certas potencialidades metodológicas do marxismo.

Na França, a situação apresentava-se de forma diferente. Para além do fato consolidado do engajamento político dos intelectuais – e mesmo da participação desse engajamento dentro do próprio conceito de “intelectual” –, a ideologia marxista encontrou pontos de contato maiores com tradições intelectuais já enraizadas³⁵. Assim, na década de 30, e junto à crise do mundo capitalista e ao prestígio ascendente da URSS, o marxismo começou a adquirir certa autoridade intelectual. E ainda mais na perspectiva de alianças entre setores democráticos, liberais e de esquerda, típica daquele período, e no interior do universo específico em que Caio Prado Júnior se movimentava – o “Centre Internationale de Synthese”, a “Union Rationaliste” e o grupo dos **Annales**.

Há de se levar em conta a sólida tradição historiográfica socialista e republicana jaurèsiana, cujo ponto alto, nos anos 30, foi atingido pela obra de Georges Lefèbvre. Caio Prado Júnior teve contato direto e pessoal com essa perspectiva historiográfica ao frequentar os primeiros cursos de G. Lefèbvre na Sorbonne. Historiadores marxistas que se tornariam proeminentes – Albert Soboul, na década de 60, e Pierre Vilar, a partir da década de 50 – vivenciaram intensamente o período do “Front Populaire”; Pierre Vilar engajou-se na guerra civil espanhola, depois da qual dedicou-se ao estudo da história da Espanha³⁶. Como Caio Prado, sofreu o impacto da historiografia dos *Annales* e principalmente da Geografia Humana – área em que defendeu sua tese de doutorado. Ele e o jovem pupilo de G. Lefèbvre, Albert Soboul, participaram da fundação da revista “La Pensée”, em 1939 – à qual também Caio Prado esteve de certa forma ligado.

De certa forma, nossa conclusão implica uma nova resposta ao trabalho escrito por

Pedro Moacyr Campos há quase quarenta anos e ao debate causado a partir da tese das “idéias fora do lugar”. Apesar de bastante afim com a desses historiadores europeus que escreveram posteriormente, a obra de Caio Prado Júnior guarda características peculiares, vinculadas à maturidade intelectual de seu estilo e a um contexto brasileiro. No que se refere ao pensamento europeu, sua relação não foi nem de simples “importação”, nem de criação *ex-nihilo* ou relacionada a um “contexto” puramente interno. Foi antes dialógica e ambígua: em jogo estava um intrincado e tenso debate entre, de um lado, características da vida e da produção intelectual brasileira, da formação pessoal e tradição familiar do historiador e do modo de pensar das elites brasileiras a partir do período da Ilustração; e, de outro, certos aspectos da história intelectual europeia das primeiras décadas do século XX e da cultura acadêmica e científica francesa dos anos 30. A síntese criativa em que resultou esse diálogo constitui desafio dos mais difíceis e estimulantes à interpretação.

Notas

- 1 Agradecemos à Fapesp. Parte deste trabalho foi desenvolvido durante nossa estada na State University of New York, de Stony Brook, sob supervisão da Profa. Barbara Weinstein. Agradecemos também à Fapesp e à Profa. Maria Odila Leite da Silva Dias, nossa orientadora, dentre outros. Várias reflexões aqui contidas foram desenvolvidas a partir de um curso do Prof. Patrick Petitjean, oferecido pela USP no segundo semestre de 1998.
- 2 Fernandes, F. (1991), p. 5.
- 3 Depoimento de Y. Prado.

- 4 Löwy, M., (1979), p.4; 6-7.
- 5 Nye, M.J. (1975), pp. 145 e 146.
- 6 Nota, p.146.
- 7 Ver Charle, C. (1998).
- 8 Ver Miceli (1979), Pontes, H. (1989), Candido, A. (1989) e Iumatti, P.T. (1998).
- 9 (1944), p. VI.
- 10 Pécaut, D. (1997), pp. 211e 212.
- 11 Dias, M.O. da S. (1998).
- 12 Tais detalhes encontram-se descritos em D’Incao, M. A. (1989).
- 13 Levi, D. (1977).
- 14 Dias, M.O.L. da, op.cit.
- 15 op. cit., p.58.

- 16 Ver Petitjean (1996).
- 17 Bhabha, H.K. (1994).
- 18 Ver Said, E. (1997) e Trebitsch, Michel (1994), p. 17.
- 19 "Être cultivé, c'est avoir reçu et développer constamment une initiation aux différentes formes d'activité humaine, indépendamment de celles qui correspondent à la profession, de manière à pouvoir entrer largement en contact, en communion avec les autres hommes." Conferência de 11 de junho de 1931 ao Museu Pedagógico sobre "La Contribution des Sciences Physiques à la Culture Générale", cit. por Georges Cogniot, in Langevin, P. (1950), p. 22. Possivelmente, esta passagem ressoa a concepção iluminista de panacéia do mundo pela educação.
- 20 In Trebitsch, M. et alii (dir) (1998).
- 21 Ver Bammer, A. (1994).
- 22 (1998).
- 23 (1973), pp. 260-261.
- 24 Em 1937, ele propôs estudar as contribuições chinesas para a ciência moderna, quando as idéias dominantes consideravam a ciência grega como um "milagre" e divisor de águas essencial na história das civilizações. Após sua viagem à China, em 1931, Paul Langevin pareceu ter percebido a mesma distinção. Mas a ciência não questionada era um meio de legitimar a imposição da ciência que realmente existe sob o capitalismo, e não um ideal utópico de ciência. (Petitjean, P. (1998), p.189).
- 25 Petitjean, P., idem.
- 26 Episódio descrito por Petitjean, P. (1996), pp. 312-313.
- 27 Cit. por Aziz Ab'Saber (1994), p. 221.
- 28 Ver Petitjean, P. (1996).
- 29 "This mixture should not to be regreted: such associations generated a creative dynamic, and revealed the interplay between science and politics that is usually hidden." (Petitjean, P. (1998), pp. 195 a 197).
- 30 Depoimento da Profa. Maria Odila L. da S. Dias.
- 31 Dias, Maria O. L. da S. (1989).
- 32 Genovese, E. (1971), p.318.
- 33 (1997), pp. 11 a 19.
- 34 Dworkin, D., op.cit., pp. 23 a 25.
- 35 Ver Collini, S. (1997).
- 36 Ver Cedronio, M. (1990).

Bibliografia

Além dos depoimentos de Y. Prado e de Maria Odila L. da S. Dias, bem como dos manuscritos e cartas de Caio Prado Júnior, constantes de seu arquivo particular, utilizamos para a elaboração deste trabalho as seguintes obras:

- AB'SÁBER, A. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. **Estudos avançados**, vol. 8, no. 22, set./dez. 1994, pp. 221 a 232
- BAMMER, A. (ed.). **Displacements – Cultural identities in question**. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1994
- BHABHA, H. K. **The Location of culture**. London: Routledge, 1994
- CAMPOS, P. M. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. Glénisson, J. **Iniciação aos estudos históricos**. São Paulo: Difel, 1961, pp. 250 a 292
- CANDIDO, A. **A Educação pela Noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989
- CEDRONIO, M. Perfil de Pierre Vilar. **Passato e presente**, 1990, nº 23, pp. 107 a 131
- CHARLE, C. Ambassadeurs au Chercheurs? Les Relations Internationales des Professeurs de la Sorbonne sous la IIIe. République. **Genèses 14**, janv. 1994, pp. 42 a 62
- _____. L'Histoire Comparée des Intellectuels en Europe. Quelques points de méthode et propositions de recherche, in TREBITSCH, M. et alii (dir.), **Pour une histoire comparée des intellectuels**. Paris: Éditions Complexe, 1998, pp. 39 a 60
- COLLINI, S. Intellectuals in Britain and France in the twentieth century: confusions, contrasts – and convergence?. GRANJON, M. C. et alii (dir.). **Histoire comparée des intellectuels**. Paris: CNRS/ IHTP, 1997, pp. 45 a 68
- DIAS, M. O. L. da S. Hermenêutica do Cotidiano na Historiografia Contemporânea. **Projeto História**. São Paulo, (17), Nov./98, pp. 223 a 258
- D'INCAO, M.A. (org.). **História e Ideal – ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: Unesp/ Brasiliense, 1989
- DWORKIN, D. **Cultural marxism in postwar britain**. Durham e Londres: Duke University Press, 1997

- ESPAGNE, M. Sur les Limites du Comparatisme en Histoire Culturelle. In: **Genèses**, 17, sept. 1994, pp. 112 a 121
- FERNANDES, F. Obra de Caio Prado nasce de rebeldia moral. **Folha de São Paulo**, 7 de setembro de 1991, caderno 6, p. 5
- GENOVESE, E. **Red and black – marxian explorations in Southern and Afro-American History**. New York: Pantheon Books, 1971
- GRANJON, M. C. et alii (dir.). **Histoire Comparée des intellectuels**. Paris: CNRS/ IHTP, 1997
- IUMATTI, P. T. **Diários políticos de Caio Prado Júnior: 1945**. São Paulo: Brasiliense, 1998
- LANGEVIN, P. **La Pensée et L'Action – textes recueillis et présentés par Paul Laberanne/ préfaces de Frédéric Joliot-Curie et Georges Cogniot**. Paris: Les Éditeurs Français Réunis, 1950
- LEVI, D. **A Família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977
- LÖWY, M. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**. São Paulo: LECH, 1979
- MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil**. Rio de Janeiro: Difel, 1979
- NYE, M.J. Science and Socialism: the case of Jean Perrin in the Third Republic. **French historical studies**, 9 (1), 1975, pp. 141 a 169
- PÉCAUT, D. Réflexion sur les relations entre la politique et les intellectuels au Brésil. In Granjon, M.-C. et alii (dir.). **Histoire comparée des intellectuels**. Paris: CNRS/ IHTP, 1997, pp. 209 a 224
- PETITJEAN, P. As Missões Universitárias Francesas na Criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: HAMBURGER, A. I. et al. (orgs.). **A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1996
- PETITJEAN, P. Needham, Anglo-French Cooperation and Ecumenical Science. **Situating the History of Science**. _____. 1998, pp. 152 a 197. No prelo.
- PONTES, H. Retratos do Brasil: Editores, Editoras e Coleções Brasileira nas décadas de 30, 40 e 50. In: Miceli, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, São Paulo: Vértice, 1989
- PRADO JÚNIOR, C. Diversos artigos e resenhas publicadas em 1935 na revista **Geografia** _____. **Evolução política do Brasil**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1933
- _____. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Martins, 1942
- _____. **História econômica do Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1945
- SAID, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- SULEIMAN, S. R. (ed.), **Exile and creativity**. Durham e Londres: Duke University Press, 1998
- TREBITSCH, M. Internationalisme, Universalisme et Cosmopolitisme: les représentations du monde dans les milieux intellectuels français, d'une guerre à l'autre. **Les Cahiers de L'Institut d'Histoire du Temps Présent**, 28, juin 1994, pp. 13 a 27
- _____. L'Histoire Comparée des Intellectuels comme Histoire Expérimentale. Trebitsch, M. et alii (dir.). **Pour une Histoire Comparée des intellectuels**. Paris: Éditions Complexe, 1998, pp. 61 a 78
- TREBITSCH, M. et alii (dir.). **Pour une Histoire Comparée des Intellectuels**. Paris: Éditions Complexe, 1998